



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DEMOGRAFIA E ENSINO. CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO EM 3 DE MARÇO DE 1930.

LIMA, J. A. Pires de

Ano: 1930 | Número: 40

Como citar este documento:

LIMA, J. A. Pires de, Demografia e ensino. Conferência pronunciada na Sociedade Martins Sarmento em 3 de Março de 1930. *Revista de Guimarães*, 40 (1-2) Jan.-Jun. 1930, p. 11-19.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Demografia e Ensino

(Conferência pronunciada na Sociedade Martins Sarmento em 9-III-30,
por J. A. Pires de Lima)

Senhor Presidente!
Minhas Senhoras!
Meus Senhores!

Para comemorar o aniversário natalício de um grande sábio português, a Sociedade que se honra com o seu nome costuma celebrar uma encantadora festa escolar, em que são galardoados os estudantinhos das escolas primárias do concelho de Guimarães, que mais aplicados se mostraram.

E' sempre convidado para fazer uma alocução adequada ao acto um homem eminente nas letras ou no ensino. Este ano, por benévola excepção, fui eu o escolhido. Eu bem sei que não posso ombrear com tantas figuras ilustres que têm honrado esta cadeira. Mas, contudo, afirmo-o sem vaidade, sinto-me bem aqui.

Eu nasci numa Escola. Nela bebi o leite de minha Mãe e, pouco depois, começava meu Pai a ensinar-me as letras do alfabeto. Nasci entre alunos e, já lá vai mais de meio século, nunca deixei de viver no meio de estudantes.

Quando eu nasci, havia muito poucas escolas primárias em Portugal. Os mestres de meninos eram em número deminuto. Ganhavam noventa mil réis cada ano e, para os estimular, o Govêrno dava mais ao professor meio tostão por mês por cada aluno que freqüentava a escola e mais dois mil réis por cada rapazinho que obtinha aprovação no seu exame elementar.

Muito avançou a pedagogia nestes últimos cinqüenta anos: as escolas normais multiplicaram-se, os professores primários passaram a ter uma preparação muito mais complexa, o orçamento da instrução engrandeceu-se com uma dotação muito mais avultada.

Quanto lucrou a instrução popular com êste grande esforço da Nação?

Eu não quero criticar, muito menos censurar os governos pelo que elles têm tentado fazer em beneficio do ensino. Sou mesmo de opinião que é sempre pequeno o sacrificio que a Nação faça em prol da educação popular.

Desejo apenas frisar certos factos que pela vida fora fui aprendendo. O analfabetismo continua a pesar sobre nós de uma forma degradante, e sou levado a concluir que o método de encarar o grande problema da educação faliu.

Esta Sociedade benemérita premeia nesta data, que é sagrada para os vimaranenses, os alunos que melhor cumpriram os seus deveres! Era preciso que em todos os concelhos, em todas as frêguesias de Portugal se celebrassem amiúde festas como aquella a que assistimos.

Os homens bons de cada terra deviam procurar as crianças mais distintas e rodeá-las carinhosamente de conforto. Assim como um jardineiro selecciona com devoção as plantas de que se esperam as mais belas flôres, também os educadores deviam cercar de cuidados os alunos que manifestassem maior capacidade.

Mas o estímulo não devia ir só para os alunos: devia também estender-se aos professores.

Desculpem, meus Senhores, por lhes falar num assunto que poderá supôr-se pessoal. Sou biologista e, nos trabalhos a que me dedico, tudo quanto se afirma se baseia na observação. Com ela quero também justificar o meu ponto de vista pedagógico.

Meu Pai, humilde professor rural de instrução primária, tinha habitualmente na sua escola mais de cem alunos, e nunca teve ajudante. Quem o auxiliava eram os seus discipulos mais adiantados, num ensino mútuo que perdeu de moda. Parece-me que tudo isto é hoje considerado anti-pedagógico. Pois será: mas aquele, para mim tão venerando Mestre, ensinou a ler e educou mais de mil pessoas. De uma escola que êle fundou numa pobre aldeia saíram alunos que se tornaram professores de todos os graus de ensino, médicos, advogados, sacerdotes, funcionários públicos, ricos proprietários e opulentos comerciantes.

Hoje ainda há mestres assim, que têm brio em ver a sua escola freqüentada e reconhecem como supremo ideal

servir o seu País com a maior devoção. Conheci professores que deram a sua vida pela Pátria, esgotando-se de trabalho, com a mesma heróica abnegação com que um soldado verte o seu sangue no campo de batalha.

Conheço outros que encaram o serviço docente como um modo de vida muito cômodo. Com o seu aspecto repulsivo afastam a concorrência à aula, que está sempre quasi deserta.

¿ Igual remuneração há-de recompensar o apóstolo que sacrifica a sua vida à educação das gerações novas e a espécie de amanuense sem cuidados, que tem como único ideal o feliz advento do fim do mês, com a perspectiva do embólso do ordenado?

Bem escassa é a remuneração do professor primário, dirão. E eu concordo. Mas permitam-me que acrescente: alguns há que nem tanto merecem.

Julgo bem que, nesta nobre terra de Guimarães, nenhum haverá dessa categoria.

Tal pensamento já neste mesmo lugar foi expresso numa encantadora forma literária, pelo alto espírito do dr. Agostinho de Campos. Disse o grande pedagogo: «O Estado encarta milhares e milhares de mestres, e deixa-os entregues a si próprios. Se são bons e honestos, se se concentram e dedicam, prejudicam-se materialmente e sentem-se vegetar na ingratidão e na injustiça; se são desajeitados e cábulas, se se dispersam e distraem do ensino para mais lucrarem, nenhuma sanção os corrige, estimula, ameaça ou castiga».

Justo seria que se glorificassem os bons alunos, mas também os bons professores.

Mas a festa de hoje é sobretudo para os alunos.

Meus queridos meninos! aprendei a ser inteligentemente ambiciosos. Diz o psicólogo Toulouse: na escolha de uma carreira, pontaria alta! Não é preciso atropelar ninguém para triunfar na vida. Com o estudo e o trabalho honesto podem atingir-se honradamente as maiores posições sociais. Tendes o exemplo na vossa terra. Se sentirdes na alma a scintilla divina do talento, segui o exemplo admirável dos vossos insignes compatriotas Martins Sarmiento, Alberto Sampaio, Abade de Tãgilde, João de Meira.

Reconhecendo em vós inclinação para a agricultura,

para o comércio, para a indústria, preparai-vos com a necessária educação técnica e lançai-vos ardentemente na luta.

Se a Natureza não vos dotou com as indispensáveis qualidades para adquirir uma situação científica ou lucrativa, nem por isso desanimeis: forcejai por ser artífices abalizados e dignos da fama que tiveram sempre os obreiros vimaranenses.

Não acrediteis no dogma da igualdade humana. Os homens são todos diferentes, pela sua fisionomia, pelo seu carácter, pelas suas aptidões. Mas são todos homens, e todos devem ser homens dignos.

A desigualdade social é uma desigualdade aparente. Não nobilita menos a cidade de Guimarães um cutileiro que fabrica com suma perfeição umas tesouras ou o operário que tece uma toalha finíssima de linho, que o industrial dono das fábricas onde tão belos artefactos são produzidos.

Cada ser humano deve ser aproveitado para o mister para que tenha mais aptidões. É o ideal de cada um deve consistir em tornar-se uma competência no seu ramo de actividade e servir assim o melhor que puder a sua terra.

Nada de ociosos, nada de revoltados!

Eu não sei, minhas Senhoras e meus Senhores, de terra portuguesa, fora das três cidades universitárias, onde se cuide tanto da cultura do espírito como nesta nobre cidade que se criou à sombra das venerandas pedras do castelo de Mumadona.

Sob a égide do nome glorioso de Martins Sarmento, fundou-se esta ilustre companhia, que tantas preciosidades guarda nos seus Museus e na sua Biblioteca; é seu órgão a brilhante «Revista de Guimarães», que vai publicar já o seu XL volume.

Sob os auspícios da mesma Sociedade, publicaram-se dois tomos da opulentíssima colectânea de monumentos históricos de Guimarães.

Com documentos colhidos principalmente nesta casa, elaboraram-se dois trabalhos que são das mais valiosas teses de doutoramento que a Faculdade de Medicina do Pôrto tem sido apresentadas.

Refiro-me ao «Concelho de Guimarães» do meu sempre lembrado amigo e ilustre colega professor João de

Meira e a «Vimaranes» do dr. Luís de Pina, a obra recentíssima que veio demonstrar que outra distinta competência acaba de destacar-se.

Não há muito que outro trabalho de grande mérito nos disse quanto vale Guimarães como centro de cultura e de riqueza. E' o «Labor da Grei», «Livro bendito de Linhagem Vimaranense», que o sr. Francisco Martins tão benemêritamente editou.

Terra que possui tão nobres tradições, terra onde se tem abrigado tão brilhante aristocracia mental, por força que há-de apresentar características demográficas muito especiais na nação portuguesa.

E' muito densa a população do concelho de Guimarães: enquanto que, no Portugal continental, em globo, a densidade é apenas de 65,6 habitantes por quilómetro quadrado, neste concelho é de 218,7, o que a apróxima da da Bélgica, o país de mais densa população da Europa. Isto segundo o censo de 1920, porque, pelo censo de 1911 ainda era maior (229,5). Como é sabido, os flagelos da guerra e da gripe pneumónica de 1918 fizeram, lamentavelmente, diminuir a população desta terra.

Há treze mil famílias neste concelho, tendo 2:094 mais de quatro filhos (16,1 %). Para confronto direi que, na cidade do Pôrto, de 45:385 famílias, há 6:612 com mais de quatro filhos 14,5 (%).

Mas onde melhor se pode ver a solidez da família vimaranense, é examinando o número de indivíduos separados judicialmente ou divorciados.

Segundo o último «Anuário Estatístico de Portugal» (1928), só havia no concelho de Guimarães 46 indivíduos em que o matrimónio se dissolveu (0,08 %). E' verdadeiramente exíguo o número de vimaranenses para quem os laços conjugais se tornaram insuportáveis. Em cada 10:000 vimaranenses, só 8 repudiaram o cônjuge, ao passo que, em todo o continente português, são 17 por 10:000 os que se separaram por mal-casados, no Pôrto 21 e em Lisboa 35, acima de quatro vezes mais.

Tais números são uma eloqüente demonstração das virtudes domésticas desta gente.

A população da antiga vila pouco passaria de 2:000 habitantes até ao século XV; e desde o século XVIII até hoje iria oscilando entre 8 e 10:000 habitantes. No sé-

culo XVI, a vila com seu térmo teria pouco mais de 25:000 habitantes e no século XVIII duplicaria a população. Depois disso, tem tido várias oscilações e quasi estacionou. O último censo dá para as 72 freguesias do concelho de Guimarães a população de 56:231 almas.

O incremento demográfico não é animador em absoluto, porque a mortalidade e a emigração desfalcam muito este agregado populacional. Mas se confrontarmos a situação de Guimarães com a do Pôrto, por exemplo, vemos que é bem pior a da capital do Norte.

Como não encontrei à mão dados relativos ao concelho de Guimarães, confrontemos os que se referem ao distrito de Braga com os da cidade do Pôrto (Anuário Estat. de Portugal, 1928).

Enquanto que, no distrito de Braga, para uma população de 378:145 habitantes houve, em 1928, 14:436 nascimentos, 2:569 casamentos, 7:666 óbitos e 573 nados-mortos, no mesmo ano registaram-se na cidade do Pôrto (215:625 habitantes) 6:460 nascimentos, 1:729 casamentos, 5:166 óbitos e 459 nados-mortos.

Por cada 1:000 pessoas nasceram, pois, em 1928, 38 crianças no distrito de Braga e apenas 29 na cidade do Pôrto.

Isto apesar de, por cada 1:000 habitantes, ter havido 8 casamentos na cidade do Pôrto e apenas 6 no distrito de Braga.

Enquanto, no distrito de Braga, a cada 1:000 crianças que nasceram vivas correspondem 39 que nasceram mortas no mesmo ano, na cidade do Pôrto, demograficamente muito mais doente, a 1:000 nados-vivos correspondem 71 nados-mortos, quasi o dôbro!

Enquanto que a mortalidade geral foi, naquele ano, de 20 por 1:000 habitantes no distrito de Braga, o que já é muito, na cidade do Pôrto foi de mais de 25 por 1:000!

Com boa hygiene e perfeita assistência, esta elevadíssima mortalidade podia reduzir-se a menos de metade.

As pessoas que emigram de Portugal são em número muito avultado. Não falando senão nos que se expatriam legalmente, regista o último «Anuário Estatístico» 32:282 só num ano (26:427 para o Brasil) (38,43 de analfabetos). Daquele número, 2:145 saíram do distrito de Braga, sendo 25,98 % analfabetos.

E' de-veras afflitiva a situação de Portugal quanto à sôma quasi inverosimil de iletrados. Cêrca de 77 % da população do nosso país não sabe lêr nem escrever!

Na cidade de Guimarães a situação, conquanto péssima, não é tão precária. Os analfabetos vimaranenses, segundo as minhas contas, constituem 53,8 % da população da cidade.

E' claro que nestes números incluem-se também as crianças que ainda não estão em idade escolar.

Deduzindo as crianças, ainda é muito vergonhosa a nossa situação. Na população do distrito de Braga de idade superior a 7 anos, a percentagem dos analfabetos é de 56,7 %.

Meus Senhores e sobretudo minhas Senhoras: estou a aborrecer-vos, bem sei, com tantos números. Perdoem-me V. Ex.^{as} e permitam que reforce, com mais umas negras sombras, o triste quadro. Na Alemanha a percentagem dos recrutas analfabetos é de 0,03 %. Quer dizer: em cada 10.000 recrutas alemães, só três não sabem ler. Pois em Portugal, em cada 10:000 recrutas, há 6:200 analfabetos (62 %)!

A face da República Portuguesa estará coberta de opróbrio, enquanto não resolver êste problema.

Todos clamam: precisamos de mais escolas, precisamos de mais professores. E' verdade: precisamos de mais escolas, de mais professores. Mas ainda que multipliquem o número de mestres e de aulas primárias, o problema não ficará resolvido.

Na Bélgica não há mais escolas primárias do que em Portugal. Por cada 927 habitantes, tem a Bélgica uma escola e por cada 926 portugueses também há uma escola. Pois na Bélgica quasi tôda a gente sabe lêr e em Portugal sucede o que V. Ex.^{as} ouviram.

Em cada 100 recrutas, há na Bélgica 8 iletrados e em Portugal 62! Há na Bélgica, bem sei, certas circunstâncias que favorecem o ensino: vida mais desafogada da população e corpo docente mais numeroso nas escolas primárias. Mas isso não explica a nossa situação indecorosa.

O problema ainda não foi bem formulado, nem a sua solução foi tentada em bases seguras.

E' preciso inundar o país de edificios escolares apropriados; é preciso reforçar com novos contingentes o exêr-

cito de professores primários. Mas nada disso resolverá o problema. Acima de tudo, é necessário fazer com que os alunos vão à aula e dar-lhes mestres escolhidos, bem preparados em boas escolas normais, mestres que sejam capazes de ensinar bem e com verdadeira devoção patriótica.

Apesar da rica densidade da população do concelho de Guimarães, toda esta boa gente pode aqui viver. A terra é fértil e, se fôsse cultivada com mais esmero, sustentaria bem este povo. As indústrias estão adiantadas, mas suponho que os afamados artefactos vimaranenses poderiam ser produzidos, se não com mais perfeição, ao menos em maior abundância.

Muito triste é ter de emigrar. Melhor é cada um ficar em sua terra. Mas se tiverdes de partir um dia para longe, meus meninos, preparai-vos em antes. (Mais da quarta parte dos emigrantes do distrito de Braga, como vimos, são analfabetos!)

Depois de adquirirdes a necessária cultura literária, aprendei um ofício até serdes bem peritos nêle. Que os vimaranenses que emigram sejam sempre os primeiros em qualquer terra em que se encontrem!

Não imaginais, meus meninos, a que espantosa miséria chegam às vezes os emigrantes portugueses no Brasil, na França, na Espanha.

Há cêrca de um ano, passei por Hendaia. Era no domingo de Ramos. Entrei na Igreja, que estava cheia de fiéis, que assistiam à cerimónia litúrgica daquele dia.

Desci depois para a estação e notei que na rua estavam 20 a 30 operários a abrir uma profunda valeta. Ao passar por êles, notei que falavam português. Abeirei-me dêles e soube que eram daqui do Norte, dos distritos de Braga e de Vila-Real. Andam por França mais de 20:000 portugueses, empregados nos mais rudes misteres.

Aqueles pobres homens, que eu vi em Hendaia, ¿ não se lembrariam com saúde da festa dos Ramos da humilde Igreja da sua aldeia, em que todos levavam airosos palmitos, ou ramos de oliveira adornados de lindas camélias? Haveria algum dêles que precisasse ou fôsse capaz de levantar, na sua terra, as pedras de uma calçada em domingo de Ramos?

— ¿ Vocês não se lembram da sua terra, interroguei, não desejariam voltar para lá? E um disse-me, meio en-

vergonhado, enquanto a picareta deslocava uma grande pedra: A's vezes, Senhor, bem queríamos voltar. Mas não temos dinheiro para o combóio...

Se tiverdes de emigrar, não vos resignais à situação de míseros escravos, vertendo o suor em benefício de estrangeiros.

Ponde, se tanto fôr preciso, ao serviço dêles os vossos músculos ou a vossa inteligência, mas procurai enriquecer e regressai depois ao vosso ninho. Conquistar meios de fortuna não dá apenas satisfação individual. Para um português chega a ser um verdadeiro dever patriótico.

Contava-me uma querida pessoa de família, que há pouco perdi, um episódio de que teve conhecimento no Rio de Janeiro. Estava lá empregado numa oficina um cutileiro natural de Guimarães. Distinto artífice na sua terra, a obra não lhe saía tão perfeita no exílio. O gosto amargo da nostalgia toldava-lhe o entendimento e o pobre vimaranense attribuía à impureza da água a imperfeição da cutilaria que fabricava. «Ai! água de Guimarães, água de Guimarães!» dizia o obreiro desalentado. Como repetisse constantemente êsse estribilho: «Ai! água de Guimarães, água de Guimarães!» — o seu patrão mandou ir daqui um barril de água e encheu com ela, em segrêdo, a selha onde o ferreiro temperava os objectos que fabricava.

Nesse dia o patrão colocou-se escondido, à porta, a ver se o artífice repetia a sua nostálgica lamentação.

Mas o homem, notando que estava a trabalhar com mais perícia o ferro em brasa, súbitamente tomou um aspecto alegre, dizendo, surpreso: — «Água de Guimarães, água de Guimarães! — ou eu estou em Guimarães, ou a água de Guimarães está aqui!»

Eu não sei se êste episódio se passou realmente ou se se tratará apenas de uma lenda formosa como tantas outras que se bordam à volta de um facto ou de um sentimento.

Só quero mostrar que torturas sofre um emigrante — hostilidade do clima e dos homens estranhos, saúde pungente da sua terra e dos seus.

Se tiverem de deixar a sua terra, pequenos vimaranenses, preparem-se primeiro e sigam só quando a consciência lhes mostre que tem o direito de triunfar.